

Riobaldo: a *testemunha* em des-articulação

Mestrando Davi Pessoa Carneiro Barbosa¹

Resumo:

Reler a figura do narrador-personagem sob o viés da *testemunha* de Giorgio Agamben (a *testemunha* no livro *Quel che resta di Auschwitz*) nos possibilita montar uma rede de argumentações pertinentes para sustentar a hipótese de que Riobaldo como *testemunha* não é capaz de articular dois mundos que se mostram disjuntivos, isto é, ele desconfigura a dialética entre o *sermo humilis* e a *grand récit* e monta um falso diálogo, uma falsa dialética. Esta comunicação tem por objetivo refletir o papel de Riobaldo como *testemunha* em des-articulação, este ato possibilita questionar a sua posição como mediador entre duas culturas, duas linguagens antagônicas.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, discurso ambíguo, *testemunha*, crítica.

Introdução

Riobaldo, narrador-personagem em *Grande Sertão: veredas* de Guimarães Rosa, é o que pode falar, *testemunhando* na sua fala a voz dos que foram silenciados e que não podem mais falar, porém, por outro lado, ele também assume o tom grandiloquente dos donos do poder. A matéria dos discursos produzidos por Riobaldo é o vivido, e o narrador-personagem parece demonstrar-se consciente de que rememorar e *testemunhar* exigem escolhas, artifícios e trabalho sobre linguagens e formas de narrar.

1 O discurso de Riobaldo

O discurso de Riobaldo lhe impõe uma tarefa, como já foi discutido por Walnice Nogueira Galvão, em sua tese intitulada *As Formas do Falso* (GALVÃO, 1972, p.82): “A tarefa presente de Riobaldo, narrador e personagem, é transformar seu passado em texto”. Nesta perspectiva, Riobaldo seria uma espécie de *testemunha* que se encontra no con-texto, porém, ao mesmo tempo em que con-textualiza a sua vida ele não a recupera na íntegra, ao contrário, faz um novo uso para libertar-se do caos no qual se encontrava, passando então a refletir e compreender a sua existência.

O discurso de Riobaldo, ao mesmo tempo, é ambíguo. O narrador-personagem torna-se ao longo da narrativa um ser questionador, ele se con-textualiza também a partir de sua experiência clínica diante do analista que nada diz ou se diz algo é através da voz de Riobaldo que o encontramos. Porém, este mesmo ser questionador é necessariamente ambíguo, pois é “a própria ambigüidade que questiona” (BLANCHOT, 2001, p.49). Riobaldo parece estar diante da Esfinge. Segundo Blanchot:

A forma da questão mais profunda não permite que a ouçamos; podemos apenas repeti-la, refleti-la num plano em que ela não está resolvida, mas dissolvida, remediada para o vazio de onde surgiu. Aí está a solução: ela se dissipa na própria linguagem que a compreende (BLANCHOT, 2001, p.50).

A fala de seu interlocutor está dissipada nas linguagens ambíguas do narrador. Mas qual seria o porquê da neutralidade do interlocutor? Willi Bolle (2004), em *grandesertão.br*, defende a tese de que *Grande Sertão: veredas* é o grande romance de formação do Brasil por vários motivos, dentre os quais: o mergulho na língua como *medium* para se pensar o país e todo um conjunto de procedimentos do narrador ligados ao trabalho de mediação. Segundo o autor,

Enquanto pactário, o protagonista-narrador vive existencialmente o problema social. Por um lado, ele acentua o problema, na medida em que defende os interesses e o discurso da classe dominante; por outro, ele se sente corresponsável e chega a ser um porta-voz dos humildes. Tão ambígua como essa sua posição social é também a sua narração, que oscila entre o discurso de legitimação e a auto-acusação, ou seja, a tentativa de redimir-se da culpa (BOLLE, 2004:385-386).

Necessita-se, aqui, portanto, pôr Riobaldo em cena, pois é o narrador-personagem que abre espaços dentro do prosaico chamado pelos gregos como *logeion*, ou seja, lugar do discurso. No entanto, observar o seu movimento enquanto em encenação não é tarefa fácil, pois dentro do **mun-**
do movente de Guimarães Rosa, Riobaldo se encontra também em constante movimento, como se estivesse, ao mesmo tempo, fora e dentro da linguagem.

O percurso é labiríntico. O leitor logo no início da narrativa percebe que organizar os discursos fragmentados de Riobaldo se torna desnecessário ou, caso o faça, é para articular uma desarticulação das linguagens. A escritura porosa e entrelaçante de Guimarães Rosa, cujas fronteiras não conseguem delimitar um fora e um dentro, mas constrói, ao contrário, fronteiras moventes que são sobrevoadas por correntes migratórias que ampliam os seus limites. Cria-se o devir do escritor. Segundo Deleuze:

Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida (...). Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. A escrita é inseparável do devir (...). Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança (DELEUZE, 1997, p.11).

Contudo, neste agenciamento coletivo de enunciação Riobaldo é o que fala, testemunhando na sua fala a voz dos que foram silenciados e que não podem mais falar, como sobrevivente dos conflitos existentes no metonímico sistema jagunçal. Metonímico porque encena os antagonismos sociais do Brasil, cuja dissimulação dos mesmos é realizada por Riobaldo, testemunha assim como Primo Levi nos campos de concentração de Auschwitz.

A imagem oblíqua que se faz de Riobaldo é a do criptógrafo (do grego *kryptós*, oculto + *graph*, r. de *graphein*, escrever), isto é, seu discurso por ser ambíguo torna-se ao mesmo tempo oculto na escritura, e a conversa que se inicia *in media res* se torna uma conversa sem fim, o romance acaba, como se sabe, com a lemniscata [∞], símbolo matemático que representa o infinito. Portanto, o testemunho realizado por Riobaldo se configura como jogo de tensões, pois o personagem busca compreender aquilo mesmo que criptografa: “Afirmo ao senhor do que vivi, o mais difícil não é um ser bom e proceder honesto: dificultoso mesmo é saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra” (ROSA, 2001, p.166) ou quando se proclama comedido, sem desperdício de linguagem: “Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo. Vai assim, vem outro café, se pita um bom cigarro. Do jeito é que retorço meus dias: repensando” (ROSA, 2001, p.192). Riobaldo, testemunhando fatos, pondo indagações, desconstruindo a uniformidade de qualquer lógica, realiza a sua travessia diluindo fronteiras. Este gesto do narrador se mostra paradoxalmente, pois pensa no limite ao mesmo tempo em que argumenta a impossibilidade de qualquer limite.

Riobaldo, o criptógrafo, se mostra como sintoma do mundo do sertão, porém não se pode perder de vista que “o sertão está em toda parte” (ROSA, 2001, p.24) e reitera o pensamento ao interlocutor: “Sabe o Senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso...” (ROSA, 2001, p. 41). O leitor percorre o texto que lhe é apresentado em ato pelo narrador-personagem e paradoxalmente por um homem letrado da cidade.

Quais seriam as necessidades de Riobaldo, como sobrevivente, testemunhar o vivido, no qual as contradições não são apenas sociais, mas que se encontram também nos seus discursos? Existe mediação entre as duas culturas?

2 Riobaldo: a *testemunha* em des-articulação

Ler a figura de Riobaldo pelo viés da *testemunha* (*il testimone*), abordada no livro de Giorgio Agamben (1998), *Quel che resta di Auschwitz* [Aquilo que resta de Auschwitz], significa proceder por dois caminhos que se bifurcam e se intersectam, uma disjunção inclusiva, onde dois gestos se realizam: o primeiro se opera pelo testemunho de um homem comum, cujo ato monta a escritura de *Grande Sertão: veredas*. Dito de outra maneira: não é a escritura da obra que intervém para recuperar o testemunho que, *a priori*, não se realizaria. Porém, ao mesmo tempo, não é mais a voz do interlocutor-letrado que recolhe a voz do subalterno, do marginalizado desprovido de voz, para fazer uma crítica e dar um contraponto à **história oficial**, ou seja, a versão hegemônica da História, ao contrário, o **inculto** toma para si o discurso do outro (do interlocutor-letrado mudo), e desta relação surge a tensão, o jogo insólito entre linguagens distintas. O segundo caminho desconfigura aquilo que se poderia construir através do testemunho, criar elo entre os dois mundos, ou seja, a efetiva mediação entre culturas e linguagens, pois:

No caso do romance de Guimarães Rosa, a dificuldade de compreensão expressa um problema que não é apenas literário ou estético. A obra coloca em cena uma falta de entendimento que é social, histórica e política. O pseudodiálogo entre o narrador sertanejo e o interlocutor letrado – que é na verdade um imenso monólogo – é uma encenação irônica, com papéis invertidos, da falta de diálogo entre as classes sociais (BOLLE, 2004. p. 385).

Pensar o narrador rosiano como *testemunha* em des-articulação significa questionar a mediação que tenta se realizar através de seu testemunho junto ao vivido. Segundo Antonio Cândido:

Estes diversos planos da ambigüidade compõem um deslizamento entre os pólos, uma fusão de contrários, uma dialética extremamente viva, - que nos suspende entre o ser e o não ser para sugerir formas mais ricas de integração do ser (CÂNDIDO, 1978. p.135).

A hipótese que se põe neste momento: Riobaldo realiza “o mergulho na língua como *medium* para se pensar o país” (BOLLE, 2004, p.384), no entanto, não consegue mediar as duas culturas e linguagens que são antagônicas, o seu testemunho é tangenciado pela

função diabólica da linguagem. Enquanto pactário, o protagonista-narrador vive existencialmente o problema social. Por um lado, ele acentua o problema, na medida em que defende os interesses e o discurso da classe dominante; por outro, ele se sente corresponsável e chega a ser um porta-voz dos humildes (BOLLE, 2004. p.385).

Esta reflexão de Bolle, Riobaldo como porta-voz, entrelaça-se com a idéia da *testemunha* agambeniana, da qual poderão provir vários questionamentos. Quais seriam os motivos pelos quais Riobaldo *testemunha*? Pode-se levantar a hipótese: o narrador questiona os fatos ao passo que se questiona ou o narrador *testemunha* os fatos enquanto se *testemunha*, mas isso não basta. Seus discursos ambíguos, que o expõem como sujeito que produz uma narração, “que oscila entre o discurso de legitimação e a auto-acusação, ou seja, a tentativa de redimir-se da culpa” (BOLLE, 2004.

p.386), são provenientes de uma atitude ética ou da vergonha que experimenta por causa da sua dupla face? Riobaldo tenta redimir-se da culpa? Qual culpa?

Giorgio Agamben (1998), na advertência escrita por ele no início do livro, comenta uma das passagens do testemunho escrito por Salmen Lewental, um integrante do *Sonderkommando*, cujas folhas do testemunho teriam sido enterradas pelo próprio Lewental próximo ao crematório III, os quais vieram à tona dezessete anos depois da liberação de Auschwitz. Destaca-se a passagem:

Così esattamente – scrive Lewental nel suo semplice jiddish – come gli avvenimenti si verificarono non può essere immaginato da nessun essere umano e infatti è inimmaginabile che si possano riportare così esattamente come accadde le nostre esperienze... noi – il piccolo gruppo di gente oscura che non darà molto da fare agli storici (AGAMBEN, 1998. p.8)¹

Agamben destaca no testemunho de Lewental um ponto, **il piccolo gruppo di gente oscura**, para a partir deste indicar o único equívoco da testemunha, pois nós conhecemos o que ocorria em Auschwitz durante a fase final do extermínio através do ponto de vista dos historiadores, mas não tínhamos contato com os testemunhos dessa *gente oscura*, “(*oscura è da intendere, qui, anche nel senso letterale d’invisibile, che non si riesce a percepire*)” (AGAMBEN, 1998. p.9)².

Portanto, esta discussão agambeniana promove o debate sobre a hipótese aqui levantada: os procedimentos de Rosa-Riobaldo ligados ao trabalho de mediação, isto é, o seu mergulho na língua como *medium* para se pensar o país, tese construída por Willi Bolle (2004), não realiza efetiva mediação entre culturas e linguagens antagônicas. O nosso caminho se desdobra da tese à hipótese, não existe uma divergência em relação ao argumento sustentado por Bolle, mas, existe, sim, uma dobra que busca se tornar orgânica para cruzar textos, pois por entre esta rede sintomática os textos se tocam ou, dito melhor, o contato entre textos promoverá a construção de uma rede sintomática. Como argumentava Deleuze:

Encontrar sempre o bom ponto de vista, ou sobretudo o melhor, aquele sem o qual só haveria desordem e mesmo o caos. Quando invocávamos Henry James, seguíamos a idéia leibniziana do ponto de vista como segredo das coisas, foco, criptografia, ou melhor, como determinação do indeterminado pelos signos ambíguos (DELEUZE, 1991. p.43).

O ponto de vista aqui não se encontra absolutamente centrado, focado, pois ele está constantemente escapando, pois está sendo deslocado pela organização ou arquivamento daquilo que se desorganiza e que constitui outro arquivo, movente, assim como a indeterminação dos signos ambíguos do narrador rosiano.

Como poderíamos desenvolver a idéia de que Riobaldo é a testemunha em des-articulação?

Primeiramente, entra-se em contato com mais uma das questões abordadas por Bolle (2004): avaliar a contribuição específica do romance de Guimarães Rosa ao conjunto dos retratos do Brasil escritos no século XX, trazendo especificamente à baila, *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, pois:

¹ Exatamente assim – escreve Lewental no seu simples ídiche – como os acontecimentos se verificaram não pode ser imaginado por nenhum ser humano e, de fato, é inimaginável que possam relatar exatamente assim como ocorreram as nossas experiências... nós – o pequeno grupo de gente obscura que não oferecerá muita coisa aos historiadores. (tradução minha)

² Obscura é para ser literalmente entendido aqui também no sentido de invisível, que não se consegue perceber.

também o projeto de Guimarães Rosa – de fornecer com seu livro sobre o sertão uma representação de todo o Brasil – não se elucida sem um diálogo com o ensaio precursor de Euclides da Cunha (BOLLE, 2004. p.24).

Assim, a necessidade provém “da ausência de provas empíricas que possam corroborar a existência de uma afinidade eletiva entre *Grande Sertão: veredas* e *Os Sertões*, é preciso introduzir certa dimensão especulativa (BOLLE, 2002. p.27).

Outro ponto importante para se construir a figura de Riobaldo como testemunha é discutir mais um argumento encontrado em *grandesertão.br*, o qual põe em confronto *Os Sertões* e *Grande Sertão: veredas* a partir de uma característica de construção comum aos dois livros: o *topos* da história como tribunal. De acordo com Bolle, “é precisamente o que Euclides da Cunha propõe no seu ensaio: um julgamento da campanha de Canudos, conforme uma concepção da História como tribunal” (BOLLE, 2004. p.35), e se expõe aqui a mesma questão colocada por Bolle:

O que significa esse método, transposto para a representação da história de Canudos? Euclides se propõe a escrever a história de ambos os lados, estabelecendo uma empatia simultânea como os “bárbaros”, como ele chama os sertanejos rebeldes, e com os “antigos”, que seriam seus concidadãos “civilizados”. Será que ele consegue? (BOLLE, 2004. p.37).

Portanto, a reflexão sobre os discursos de Riobaldo dentro do tribunal se torna fundamental para compreendermos **quem fala, por quem fala e para quem fala**, pois o testemunho-conversa do narrador é permeado de idas e vindas, onde não existe mais uma **marca autoral**, objetiva, determinista, que narra apenas acontecimentos como observador, assim como o narrador em *Os Sertões*, mas, ao contrário, o narrador-protagonista rosiano opera discursos em ato, cuja enunciação é o contínuo no falso diálogo. Qual seria o estatuto da palavra na conversa, na qual Riobaldo tenta compreender a si mesmo na medida em que não consegue compreender de modo algum a totalidade das determinações da nossa compreensão? O discurso de Riobaldo reescreve um texto em recapitulação contínua? Em suma, Riobaldo seria uma espécie de testemunha performática?

Retornando, após estas breves inclusões, à testemunha agambeniana, cria-se o debate sobre o papel da testemunha e suas **atitudes e responsabilidades** ao testemunhar. O posicionamento móvel e performático de Riobaldo ao testemunhar o vivido no sertão constrói uma série de indagações que remetem à mesma testemunha. Riobaldo testemunha pelo fato de se sentir responsável pelo vivido por ele e pelos jagunços no sertão ou por que se sente culpado como sobrevivente das guerras? Seria uma atitude ética de sua parte?

Giorgio Agamben toma como testemunha ideal o escritor italiano Primo Levi, pois é:

un tipo perfetto di testimone. Quando torna a casa fra gli uomini, racconto instancabilmente a tutti quello che gli è capitato di vivere (...) ma non si sente scrittore, diventa scrittore unicamente per testimoniare”(AGAMBEN, 1998. p.14).³

Riobaldo não se torna escritor para testemunhar, mas, possivelmente, enquanto testemunha ele “examina as linhas de seu destino duplo de *jagunço-letrado*” GALVÃO, 1972. p.77). Riobaldo, assim, entra num jogo de interesses sociais por parte do seu padrinho Selorico Mendes. O letramento de Riobaldo lhe oferece a possibilidade de conhecer um pouco sobre a jagunçagem através dos documentos que seu padrinho tinha em posse. Segundo Walnice Nogueira Galvão, este é um cami-

³ Um tipo perfeito de testemunha. Quando volta para casa entre os homens, conta incansavelmente a todos aquilo que viveu (...) mas não se sente um escritor, torna-se um escritor unicamente para testemunhar. (tradução minha)

nho cheio de nexos tortuosos, pois “um jagunço precisa saber ler?”(GALVÃO, 1972. p.78). E, ao mesmo tempo, por ser letrado que Riobaldo entra para o cangaço.

O testemunho de Riobaldo vive ambigüamente, ele é ao mesmo tempo a construção e a desconstrução de um labirinto, dobra e se desdobra numa continuidade infinita a fim de impossibilitar a clausura, a formação de fronteiras intransponíveis, pois o narrador testemunha o que experimentou profundamente e o que foi vivenciado pelo outro. Riobaldo é concomitantemente a testemunha integral que se desintegra em várias vozes,

de resto, o jagunço Riobaldo, mesmo contando a sua estória para chegar a recuperar, com a ajuda do “senhor assisado e instruído”, o fio dela – *contando*, então, com a evidência de uma história re-feita por fora e pelo outro -, não enxerga, na sua experiência nenhuma “razão” que a tenha guiado, nenhuma *ratio* que a tenha norteado, e isso o leva a perder-se ainda mais no labirinto da existência que é também o labirinto da sua fala narrando essa existência (FINAZZI-AGRÒ, 2001. p.37).

O falso diálogo em *Grande Sertão: veredas* opera a diluição das fronteiras, é impossível distinguir pelo texto e no texto o **dentro** do **fora**, e por isso mesmo, torna-se essencial para compreender uma transição que questiona a si mesma ou para questionar a dialética que tenta se concretizar, mas não o faz, pois se trata de uma não-dialética, o seja, “*Grande sertão* é imperfeito na medida em que tenta representar uma realidade em que a perfeição é apenas uma ilusão ótica, é apenas o fruto precário de uma decisão, de um ato de força, de um determinismo oco”(FINAZZI-AGRÒ, 2001. p.35).

O diálogo que nunca se concretiza, nunca se fecha esse eterno desdobramento que provoca vertigem, sente-se a aparência barroca da escritura rosiana, pois o “barroco remete não a uma essência, mas, sobretudo a uma função operatória, a um traço. Não pára de fazer dobras”(DELEUZE, 1991, p.13).

Na conversa, que não se configura como diálogo, os interlocutores, se é que se pode falar em **interlocutor**, encontram-se permeados por um falso diálogo “que convoca o *outro* na fala do *eu*, alheando, de tal modo, o sujeito de si mesmo”(FINAZZI-AGRÒ, 2001, p.77).

Aliás, a investigação sobre como a crítica literária tenta decifrar e nomear a relação entre Riobaldo e o senhor letrado da capital se faz necessário para a compreensão da mesma relação. Antonio Candido chama de monólogo: “o monólogo dum homem rústico, cuja consciência serve de palco para os fatos que relata”(CANDIDO, 1976. p.77). Walnice Nogueira Galvão se refere à relação como um “monólogo, contendo um diálogo pela alusão a um interlocutor, que determina a opção pela fala”(GALVÃO, 1972. p.70). Teresinha Souto Ward diz que se trata de um “diálogo que o narrador mantém com o ouvinte”(WARD, 1984. p.81). Roberto Schwarz afirma: “trata-se de um monólogo *inserto* em situação dialógica”(SCHWARZ, 1981. p.38). Ettore Finazzi-Agrò destaca uma das semelhanças entre *Grande Sertão: veredas* e *Meu tio o Iauaretê*: “Quero, aqui, apenas sublinhar, mais uma vez, o fato de os dois textos serem construídos seguindo o mesmo esquema: o do falso diálogo ou do monólogo imperfeito”(FINAZZI-AGRÒ, 2001. P.67). Willi Bolle argumenta que se trata de um “pseudodiálogo entre o narrador sertanejo e o interlocutor letrado – que é na verdade um imenso monólogo – é uma encenação irônica, com papéis invertidos, da falta de diálogo entre as classes sociais”(BOLLE, 2004. P.385). Kathrin Rosenfield põe a discussão referente ao problema da tipologia das posições discursivas: “Ao tratarmos da Relação de Riobaldo com o senhor em termos de “diálogo” e de “interlocutor”, não ignoramos o problema da tipologia das posições discursivas, isto é, a distinção entre autor, narrador e personagem e a entre diálogo, monólogo tradicional e monólogo interior”(ROSENFELD, 2006. P.362).

A conversação busca, portanto, o silêncio, pois, desta forma, torna-se também um processo de escuta, de destruição, de passagem para outra postura. Riobaldo ver-se vendo na medida em que regressa e progride com seus discursos obscuros, porém a cada momento uma nova imagem surge

diante do espelho, pois uma nova imagem é gerada a cada momento. Riobaldo ao ser ouvido é convertido em novo sentido, ele fala e é transfigurado imediatamente, porém tal operação não é potencializada pelo interlocutor, mas pelo próprio narrador-personagem: “Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser” (ROSA, 2001, p.232).

Conclusão

O percurso feito neste trabalho buscou levantar questões que pudessem pensar o narrador-personagem Riobaldo com uma *testemunha* em des-articulação, isto é, como sujeito que opera um discurso que é incapaz de articular duas culturas antagônicas, pois opera um discurso i-mediador, mostrando, assim, as desarticulações e ambigüidades existentes na reelaboração crítica de *Os Sertões* realizada por Guimarães Rosa em *Grande Sertão: veredas* via Riobaldo.

Em suma, elaborar um pensamento que se torne potencializador e que, ao mesmo tempo, possa resgatar energias na própria obra literária para abalar certas muralhas que lhe são postas e impostas ao longo dos anos por uma crítica literária perspicaz e competente não é tarefa simples. A fortuna crítica da obra rosiana a cada ano se agiganta diante de uma escritura que reclama por reflexões, por contato, por experiência interior e exterior, por gesto que a dessacralize, possibilitando novas investigações, interpretações e usos. Encontrar o contato pertinente torna-se tarefa árdua para o pesquisador, significa estar no labirinto. Ele deve percorrê-lo com cautela, porém com curiosidade, pois a saída não é única, ou melhor, parecem existir apenas entradas.

Referências bibliográficas

- [1] AGAMBEN, Giorgio. *Quel che resta di Auschwitz: L' archivio e il testimone*. HOMO SACER III. Bollati Boringhieri editore. Torino: 1998.
- [2] BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita*. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.
- [3] BOLLE, Willi. *Grandesertao.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- [4] CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese: ensaios*. 3ª ed.. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- [5] CANDIDO, Antonio e outros. *A personagem de ficção*. 5ª edição. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- [6] CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: *Tese e Antítese*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- [7] DELEUZE, Giles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Papyrus, 1991.
- [8] DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradutor Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 1997.
- [9] FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção em João Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- [10] GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso: um estudo sobre a ambigüidade no “Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

- [11] GALVÃO, Walnice Nogueira. “Euclides da Cunha”. In: Pizarro, Ana (org.). *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. Vol. II: *Emancipação do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- [12] GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.
- [13] LEVI, Primo. *Se questo è un uomo*. Einaudi, Torino, 1947.
- [14] ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. I. ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1956.
- [15] ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- [16] _____. *Ave Palavra*. Notas de Paulo Rónai. 5a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- [17] ROSA, João Guimarães (1952). “Pé-Duro, Chapéu-de-Couro”. In: *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- [18] ROSENFELD, Kathrin. *Desenveredando Rosa: a obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.
- [19] SCHWARZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- [20] WARD, Teresinha Souto. *O discurso oral em Grande Sertão: veredas*. São Paulo: Duas Cidades, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

¹ **Davi Pessoa Carneiro BARBOSA, Mestrando**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Pós-graduação em Estudos da Tradução - PGET